



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



MINERVA CACHOEIRANA: UM ESTUDO HISTÓRICO SOBRE A FILARMÔNICA DA CIDADE DE CACHOEIRA (1964-1969)¹

Melira Elen Mascarenhas Cazaes²

Pós-graduanda em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

E-mail: mell_ellen@hotmail.com

Resumo:

O presente artigo tem como objeto de análise a filarmônica Minerva Cachoeirana da cidade de Cachoeira. Pretendemos realizar um estudo acerca da filarmônica no período de 1964 a 1969, com o intuito de compreendermos o passado local na sua historicidade, ressaltando a importância da mesma para a cidade, contribuindo, assim, para o reconhecimento da necessidade de preservação do Patrimônio Cultural. Nesse sentido, discutiremos sobre a relação entre a filarmônica, o poder local e a Igreja Católica, os integrantes da banda e as festas que a Minerva Cachoeirana participava. A viabilização da pesquisa está pautada na análise de documentos pertencentes ao arquivo da Sociedade Lítero Musical Minerva Cachoeirana, de fontes orais, de bibliografias concernentes à temática e de periódicos da época.

Palavras-chave: Filarmônica Minerva Cachoeirana; Patrimônio Cultural; Memória; Cultura.

¹ Este artigo inclui resultados parciais do projeto de pesquisa da Pós-Graduação em Teoria e Métodos da História, ainda em andamento.

² Mestranda em História na área de “História, Cultura e Poder” na linha “Cultura, Identidades e Linguagens” pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Introdução

Cachoeira, cidade situada às margens do rio Paraguaçu, foi um importante entreposto comercial do que hoje conhecemos como Estado da Bahia. Detentora de um grande acervo cultural, fulgura como uma das cidades baianas que mais preservou sua identidade cultural e histórica ao longo dos anos.

Constituiu-se, durante a colonização como uma grande área geográfica com plantações de fumo, cana e vastos engenhos de açúcar. Primeiramente, o lugar passou a ser conhecido como Porto de Cachoeira, e mais tarde, foi denominado de Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira. Pelo seu lugar de destaque e sua importância econômica, a Vila foi elevada a categoria de cidade, pela lei provincial de nº 43, em 13 de março de 1837.³

Na cidade de Cachoeira diversos grupos culturais têm destaque e constituem o importante Patrimônio Cultural do município, como o samba de roda, a capoeira, entre outros. Nesta cidade, repleta de expressões musicais, foram constituídas as filarmônicas *Sociedade Lítero-Musical Minerva Cachoeirana*, fundada em 10 de fevereiro de 1878, por Eduardo Mendes Franco e a Sociedade Cultural Orfeica Lyra Ceciliana, fundada pelo maestro Tranquillino Bastos⁴, em 13 de maio de 1870.

Intencionamos realizar um estudo acerca da filarmônica no período de 1964-1969, constituindo uma análise histórica da mesma no recorte temporal estabelecido. Nesse sentido, pretendemos investigar quem eram os integrantes da filarmônica. Quem eram os sócios? Qual o papel da filarmônica nos diversos eventos sociais da época? De quais festas participava? Qual a relação da filarmônica com a Igreja Católica e as irmandades religiosas?

A problemática que norteia este trabalho reside na questão: Que relação era mantida entre a filarmônica, a Igreja católica e as irmandades religiosas no período acima descrito? Sustentamos a hipótese de que havia uma estreita ligação entre os membros da filarmônica e a

³ SANTOS, Jadson Luiz dos. *Cachoeira- III Séculos de História e Tradição*. Salvador: Contraste Editora Gráfica, p.15, 2001.

⁴ Tranquillino Bastos nasceu em Cachoeira, no dia 8 de outubro de 1850 e faleceu no dia 12 de março de 1935. Foi compositor, clarinetista, instrumentista, regente, além de arranjador. Era autodidata na sua formação musical e esteve sempre à frente de movimentos sociais e políticos, sobretudo ao movimento abolicionista da referida cidade. Isso pode ser verificado através de algumas de suas obras como o “Hymno do 13 de maio” (1888), “Hymno da Cachoeira” e o dobrado “Navio Negroiro”, homônimo do poema de Castro Alves.

Igreja católica, e também supomos que alguns integrantes da filarmônica ocupavam um lugar nas irmandades religiosas.

A temática pesquisada é um objeto de estudo pouco abordado. Após a consulta ao banco de dados das teses e dissertações das Universidades Públicas do Estado da Bahia, verificou-se que as produções acadêmicas na área de História, nos últimos anos, relacionadas ao enfoque desta pesquisa são escassas.

Constatamos que os trabalhos que se referem à filarmônica estudada centram as atenções no seu caráter musical, como a tese de Regina Cajazeira denominada *Educação Continuada à distância para músicos da Filarmônica Minerva – Gestão e Curso Batuta* (2004) e o ensaio de Charles D’Almeida Santana intitulado *As Filarmônicas e a música urbana no Recôncavo* (2009), que faz um panorama acerca das diversas filarmônicas das cidades de Santo Amaro, Cachoeira, Maragojipe, São Félix, São Gonçalo, entre outras localidades.

E, por fim, o livro do historiador cachoeirano Luis Cláudio Nascimento, *A Capela D’Ajuda já deu o sinal: relações de poder e religiosidade em Cachoeira* (1995), obra produzida com o intuito de contribuir para o tombamento da festa mais popular da “Cidade Monumento Nacional”, ou seja, a Festa D’Ajuda, fazendo menção a participação das filarmônicas Lyra Ceciliana e *Minerva Cachoeirana* nas diversas manifestações populares e religiosas.

1. Um breve panorama histórico das bandas filarmônicas na Bahia

De modo geral, as sociedades filarmônicas floresceram com o advento das Bandas Militares no período colonial no Brasil e foram estruturadas ao longo do século XIX e início do XX. Essas organizações são conhecidas na Bahia como “filarmônicas”, já em outras regiões do Brasil, estas são denominadas de “banda de música”. O termo “banda” é oriundo do latim *Bandum* que significa estandarte, além de outras denotações como associação, grupo, ou filarmônica.⁵

As bandas de música chegaram ao Brasil através dos portugueses e foram bastante requisitadas para abrilhantarem os rituais religiosos, as comemorações, sendo conhecidas como “banda de barbeiro”.⁶

⁵ O termo “filarmônica” é oriundo do grego “filantrópico” e significa “amantes da música”.

⁶ Uma espécie de “banda primitiva” que existia desde o século XVIII, constituída primeiramente por escravos que eram obrigados por seus senhores a aprenderem novos ofícios. Esta denominação deve-se ao fato de que a profissão de barbeiro era a única a conceder um tempo livre para aprendizagem de outras atividades.

Os termos “banda de música” e “filarmônica” referem-se a significados distintos, o primeiro diz respeito às corporações militares e o segundo concerne às sociedades civis ou, dito de outro modo, uma corporação musical constituída essencialmente por uma diretoria e por sócios.

A história das sociedades filarmônicas brasileiras remonta ao período no qual D. João VI chegou ao Brasil. Na época, frequentemente, pequenas Orquestras de Cordas e Coros apresentavam-se no país, sobretudo nas igrejas. A música de tradição europeia foi realizada na Bahia (e no Brasil) em diversos âmbitos: nas igrejas, nos salões, teatros, procissões, entre outros.

Nos primeiros séculos de colonização portuguesa a música executada no Brasil estava vinculada a catequese e a Igreja, de maneira que os jesuítas utilizavam-na como forma de conversão dos gentios.

Com o intuito de desenvolver diversas funções sociais na sociedade europeia ocidental, as bandas de música ampliaram-se e através do processo de colonização, as bandas de sopro e percussão expandiram-se por numerosos países. Assim, instituições militares passaram a requisitar as bandas de música para marchas, desfiles e festivais.

Segundo Tinhorão (1972) as primeiras bandas de música no Brasil foram dirigidas pelas irmandades religiosas e pelos senhores de engenho no início do século XVIII. A partir desse momento as bandas ficaram conhecidas como bandas da fazenda que tinham a finalidade de manter os costumes europeus.

Na verdade, possuir um grupo de músicos numa fazenda, além de preencher um vazio de exigência cultural, tendo em vista a distância das cidades – onde as igrejas e, a partir do fim de 1700, as primeiras casas de ópera, já atendiam, bem ou mal, a essa necessidade–passou com o tempo a valer também por uma ruidosa demonstração de poder pessoal.⁷

As filarmônicas são sociedades civis que surgiram ao longo do século XIX no Brasil com o intuito de manter uma banda de música. De acordo com CAJAZEIRA (2004), após o período da abolição da escravatura com a extinção da banda da fazenda, fazendeiros e comerciantes organizaram sociedades civis denominadas de filarmônicas.

Ao longo do século XIX, na Bahia, foram fundadas inúmeras filarmônicas. Em 29 de agosto de 1863, a filarmônica Erato Nazarena (a mais antiga da Bahia); em Feira de Santana, a “15 de março” em 1868; em Cachoeira, a “Sociedade Cultural Orfeica Lyra Ceciliana”, em 1870;

⁷ TINHORÃO, J. *Música popular: de índios, negros e mestiços*. Petrópolis: Vozes, 1972, p.75.

a “Vitória” em Feira de Santana em 1875; a “*Sociedade Lítero Musical Minerva Cachoeirana*” em Cachoeira em 1878; a “2 de janeiro” em Jacobina em 1878; a “Filarmônica Terpsícore Popular”, em Maragogipe em 1880; a “2 de julho”, em Maragogipe, em 1887, entre outras.⁸

As sociedades filarmônicas mantinham uma banda de música e uma escola musical. A função da última não era restrita à aprendizagem de um instrumento, a prática musical também era utilizada para conscientizar sobre a importância da preservação cultural.

2. A filarmônica Minerva Cachoeirana

A filarmônica *Minerva Cachoeirana* foi inscrita no CPC (Comissão do Patrimônio Cultural) do Ministério da Cultura sob o nº29.001446/ 87-86, CNPJ: 14.003.073/ 0001-41. Foi fundada pelo maestro Eduardo Mendes Franco e por sócios como: Severiano Monteiro, Pedro N. Costa, Sancho J. Costa, Januário J. da Costa, Joaquim L. Albernaz, Antiocho G. da Costa, José G. da C. Caxarena, José J. da S. Lopes, Antônio D. Monteiro, Tibécio J. Moreira, Adelino S. Effrem, João F. de Oliveira, Joaquim M. de Souza, Francisco Salles, Salvador J. Santana, Victoriano da Silva, Bráulio de Marques, João F. de Carvalho, José de J. Almeida, Francisco M. M. Costa e Joaquim P. Mascarenhas.⁹

Eduardo Franco nasceu na cidade de Cachoeira, no dia 28 de dezembro de 1852, filho de Eduardo Mendes Franco e D. Antônia Leal Pinto. Herdou o nome e o talento artístico do seu pai, desde os 18 anos de idade já estava vinculado à música e era regente da extinta Orquestra D’Ajuda. Aos 26 anos de idade constituiu a Sociedade Philarmônica do Comércio, mais tarde denominada *Minerva Cachoeirana*.¹⁰

O maestro Eduardo Franco faleceu com apenas 54 anos de idade, na madrugada de 26 de maio de 1906, deixando inúmeras composições, marchas, sinfonias, sacras e peças para bandas musicais.

Inicialmente a *Minerva Cachoeirana* foi denominada “Sociedade Philarmônica do Comércio” e foi assim intitulada, devido a sua organização social que na época congregou os comerciantes, tendo grande destaque Sabino Silva e Sabino de Campos, ambos exímios músicos, sendo o primeiro médico e o segundo advogado, poeta, escritor e autor da letra do

⁸ Informação obtida através do site da Casa das Filarmônicas/BA. Acesso: em out.2011.

⁹ Fonte: Arquivo da Sociedade Lítero Musical Minerva Cachoeirana.

¹⁰ IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Cachoeira: vivências e compreensões do patrimônio cultural. s.l. 2007.

Hino da Cachoeira. Posteriormente, a mesma foi denominada “*Minerva Cachoeirana*” em homenagem à Minerva deusa das artes, da ciência e do comércio.

A sede da Instituição está localizada em um antigo sobrado na Praça Barão do Rio Branco, na cidade de Cachoeira. Na parte térrea funciona a Escola de Música. No andar superior são realizados os ensaios da banda filarmônica.

No que concerne ao funcionamento da Escola de Música, Edvaldo Carneiro do Rosário no seu depoimento afirma que:

O principal projeto é justamente com relação à Escolinha, a Minerva ainda hoje funciona assim, primeiro o discípulo passa pela Escolinha. Chama-se Escola de Música Alcides Santos, em homenagem a um grande Trombonista da época seu Alcides Santos e esse trabalho é desenvolvido voluntariamente e gratuitamente, isso quer dizer que as crianças, os pais não pagam nada para as crianças aprenderem a música. Na época era assim tudo gratuito, hoje a Minerva sobrevive através dos convênios que existem. Mas hoje a Minerva tem condições melhores que há anos, principalmente quando eu comecei a ajudar na condição de orador da Sociedade. É assim, os meninos se inscrevem e recebem o caderno de música, os pais acompanham e após o período quando eles estão já preparados, eles passam para a banda titular, para a Sociedade Lítero Musical Minerva Cachoeirana, eles saem do professor e da professora da Escolinha e vão aprender mais com o maestro, atualmente Clarício Marques Filho.¹¹

De acordo com o estatuto da *Minerva Cachoeirana*, reformado em 21 de setembro de 1966, a diretoria da Sociedade é composta pelo presidente, vice-presidente, dois secretários, um tesoureiro, um procurador, um orador e um segundo orador. Os recursos financeiros para manter a Instituição são oriundos das contribuições dos sócios, cachês de apresentações, ajuda de órgão público, na maioria das vezes, sob a forma de instrumentos musicais e fardamentos.

Segundo o 1º artigo do estatuto

A Sociedade Lítero-Musical Minerva Cachoeirana, antiga Sociedade Filarmônica Minerva Cachoeirana, instituída na cidade de Cachoeira (Estado da Bahia) a 10 de fevereiro de 1878, sob a denominação da Sociedade Filarmônica do Comércio e os auspícios de Nossa Senhora do Rosário–Orago de Cachoeira é a reunião de pessoas em número ilimitado, sem distinção de classe ou nacionalidade.¹²

A filarmônica deve oferecer sem fins lucrativos a população o aprendizado gratuito da leitura e da música, com o intuito de elevar o nível educativo, cultural e artístico da população; manter os serviços educativos, sociais e assistenciais, proporcionando benefícios aos jovens, às crianças e aos idosos de acordo ao meio social no qual vivem; manter uma biblioteca;

¹¹ Entrevista concedida no dia 10 de fevereiro de 2012.

¹² Fonte: Arquivo da Sociedade Lítero Musical Minerva Cachoeirana.

difundir a arte musical e aperfeiçoar a cultura artística da população através do funcionamento da filarmônica, a ser dirigida por um regente com habilitação para tal cargo; realizar assembléias e palestras literárias com o intuito de seus associados e a população aprimorarem seus conhecimentos literários.

A Sociedade é incumbida de propiciar assistência aos sócios que se tornarem inválidos ou incapacitados ou não tiverem recursos para sobreviverem; dar assistência no que for possível aos que necessitem quando a solicitarem ajuda; aos sócios que falecerem e for comprovado estado de pobreza e será prestado o auxílio-funeral; fornecer instrumento musical e a farda ao aluno da Escola de Música ou ao sócio que desejar ingressar na banda, participar das festividades patrióticas e nos funerais dos seus sócios ou de pessoas que contribuíram de alguma forma e mereçam receber homenagem.

De acordo com o 3º Art. do estatuto da filarmônica os sócios efetivos são aprovados em sessão da Diretoria em Assembléia, mediante apresentação da proposta assinada por um sócio efetivo, sendo submetida posteriormente a apreciação da Comissão de Sindicância. Os sócios que participarem da Banda da Minerva serão desobrigados do pagamento de jóia¹³ e da mensalidade, mas devem estar de acordo com a Constituição da Sociedade, comparecer as tocatas, garantir presença nas Campanhas de finalidade cultural patrocinada pela Minerva.

No que se refere à Escola de Música, o 10º Art. afirma que a mesma deve funcionar normalmente sob a direção de um instrutor ou professor, mediante pagamento de uma gratificação paga pela Sociedade.

Segundo o 11º Art. a Escola de Música funcionará gratuitamente, de modo que a Sociedade deverá fornecer sem ônus para os alunos o material escolar, o instrumento e o fardamento de acordo com as suas possibilidades.

A filarmônica *Minerva Cachoeirana* tinha uma grande relevância para a vida social, cultural e política da cidade. Como demonstra o seguinte trecho do jornal *A Cachoeira* de 1964 felicitando a filarmônica pela comemoração do seu 86º aniversário

No dia 10 de fevereiro de 1878 a Cachoeira exultou com a fundação da Minerva Cachoeirana. Decorrido 86 anos a maviosa e invicta banda Cachoeirana continua prestando serviços inestimáveis a nossa terra. Neste registro apresentamos à sua laboriosa Diretoria ao seu abnegado regente, ao infatigável corpo musical e aos seus associados e ao povo que sabe aplaudir, os nossos aplausos e reconhecimento numa homenagem justa que dedicamos ao seu mais veterano adepto vivo que é Ursecino Santos (...)¹⁴

¹³ Quantia que pagam os admitidos como membros de associações ou clubes.

¹⁴ *A Cachoeira*, Cachoeira, 16 de fevereiro de 1964, p.1.

A filarmônica propiciava a abertura de espaços de convivência, uma vez que conviviam em um mesmo ambiente os músicos, sócios, diretores e adeptos da banda. Estes eram sapateiros, marceneiros, advogados, juizes, médicos, comerciantes, jornalistas, poetas, pedreiros, alfaiates, carpinteiros, entre outros.

A participação na Instituição musical, na maioria das vezes, era hereditária, ou seja, muitos músicos da *Minerva Cachoeirana* tinham/têm outros membros que tocaram ou tocam na banda. Já na diretoria, às vezes, tem-se uma sucessão de mandatos entre mãe, pai e filhos. Como por exemplo, o Sr Manoel Martins Pereira Gomes foi presidente de 1959 a 1982, quando faleceu sua esposa a Sr^a Yolanda Gomes tornou-se presidente de 1982 a 1996 e em 1996 seu filho Dr. Evandro Pereira Gomes assumiu a presidência.

A filarmônica *Minerva Cachoeirana* participava de eventos cívicos e religiosos da cidade como a Festa d’Ajuda, Festa de Nosso Senhor do Bonfim, o 25 de Junho, procissões, aniversários, enterros, entre outros.

Além das retretas, os passeios para as cidades vizinhas, onde as filarmônicas se apresentavam nas festas cívicas e religiosas, atraíam os adeptos da Lyra e da Minerva. De trem ou de navio, saíam de Cachoeira animadas caravanas acompanhando os músicos. Há registros de excursões para Feira de Santana, São Gonçalo dos Campos, Santo Amaro. De navio, seguiam para Maragogipe, Salinas da Margarida e até Salvador. Essas atividades e os passeios às cidades vizinhas, além de garantir fonte de renda, serviam para consolidar o prestígio das filarmônicas na região e até mesmo na capital.¹⁵

Inúmeros eventos eram organizados pela própria filarmônica, nesse caso, as mulheres participavam ativamente das festividades, vinculadas as irmandades religiosas católicas, organizavam passeios para a festa dos padroeiros de outras cidades.

De Cachoeira a Lyra e a Minerva seguiam de navio para Maragogipe, Salinas das Margaridas e até para Salvador. De trem, iam para São Gonçalo, Santo Amaro e Feira de Santana. Esses passeios eram animados pelos músicos das próprias filarmônicas, conforme fosse o grupo com a irmandade a que pertencessem seus maridos e famílias.¹⁶

Em abril de 1917, a Minerva Cachoeirana foi convidada para participar do festival de micareta na capital do estado, em março de 1949 esteve presente nos 450 anos de Salvador,

¹⁵ RAMOS, Jorge. *O sementeiro de orquestras: história de um maestro abolicionista*. Salvador: Solisluna Editora, 2011, p.53.

¹⁶ Ibidem, p.55.

¹⁷ Fonte: Arquivo da Sociedade Lítero Musical Minerva Cachoeirana.

em 1973 participou do Centenário da Independência da Bahia, tocando o hino 2 de julho ao presidente Médici.

A Minerva Cachoeirana foi a 2ª colocada no 1º concurso Estadual de Filarmônicas em 1969; 1ª colocada no 1º centenário de Feira de Santana, em Feira de Santana, em 1973; 2ª colocada no 1º Festival do interior em 1975; 3ª colocada no 5º Festival de Filarmônicas no interior em 1979; 1ª colocada no 1º Festival de Filarmônicas do Recôncavo em 1994, entre outros¹⁷.

Cabe ressaltar que a filarmônica “*Minerva Cachoeirana*” adotou Nossa Senhora do Rosário, padroeira da cidade de Cachoeira, como patrona da Instituição. Nesse sentido, qual era a relação entre a filarmônica e a Igreja Católica?

Após a consulta ao livro de sócios da filarmônica, percebemos que vários padres eram sócios da Instituição, como por exemplo, Pe. Antônio Carlos Onofre (1967), Pe. Florisvaldo (1937), Dom Roque (1978). Nesse contexto, vale lembrar que as filarmônicas cachoeiranas estavam vinculadas a irmandades religiosas distintas, ocasionando assim, um conflito religioso entre a Lyra Ceciliana e a Minerva Cachoeirana. A primeira, estava atrelada a Irmandade de São Benedito e a última a Irmandade de Nossa Senhora da Ajuda.

Cada filarmônica estava atrelada a uma irmandade e ambas se esmeravam nos preparativos para superar em brilho, pompa e animação o que a outra fizesse, ampliando assim a rivalidade. Além de executar músicas sacras nas novenas, missas e procissões, as bandas animavam profanamente os pregões, embalos e lavagens, manifestações de cunho puramente profano.¹⁸

Em 1965, a Diretoria da Minerva era composta pelo presidente Manoel Martins Gomes, Vice-presidente Dr. Apolinário Lopes das Candeias, 1º Secretário Antônio Ferreira, 2º Secretário Jaime Argôlo Abdala, Tesoureiro Rubens Queiroz, Procurador Hélio Silva de Jesus e Orador Artur Nunes Marques.

Outro aspecto observado após a consulta ao livro dos sócios, refere-se à presença constante de presidentes da Câmara Municipal de Cachoeira como sócios da Instituição, como por exemplo, Manoel Martins Gomes que foi presidente da Câmara de 1904 a 1906; Artur Nunes Marques (orador da filarmônica), presidente em 1949 a 1950; deputado Brandão Correia, presidente em 1967, entre outros.

A filarmônica esteve presente nos mais diversos eventos sociais da época. Esta pesquisa ressaltará a importância da mesma para a cidade, traçando uma análise histórica da Sociedade no recorte temporal estabelecido.

¹⁸ RAMOS, Jorge. *O semeador de orquestras: história de um maestro abolicionista*. Salvador: Solisluna Editora, 2011, p.64.

Chegaremos às respostas dos nossos questionamentos através de fontes como o livro dos sócios, as atas das sessões, o estatuto, os periódicos da época e as entrevistas. Para a realização das entrevistas contaremos com o relato de indivíduos de grande relevância para a história da filarmônica, os antigos sócios, presidentes e músicos.

Atualmente, as fontes orais, no que diz respeito a sua utilização como método historiográfico, tornou-se uma proposta bem mais aceita e os trabalhos com ênfase nesse arsenal técnico-metodológico têm ampliado consideravelmente.

Os lugares de memória, então, podem ser considerados esteios da identidade social, monumentos que têm, por assim dizer, a função de evitar que o presente se transforme em um processo contínuo, desprendido do passado e descomprometido com o futuro. Além de contribuir para a construção/reconstrução da identidade histórica, a história oral empreende um esforço voltado para possibilitar o afloramento da pluralidade de visões inerentes à vida coletiva.¹⁹

As fontes orais têm na memória a principal fonte informativa propiciando uma variedade de abordagens históricas de características diferentes. No caso, desta pesquisa, o entrevistado vinculado às filarmônicas, através do seu depoimento, perceberá a importância da sua participação na trajetória da filarmônica e a sua contribuição para a preservação da história deste patrimônio e, por conseguinte, da cidade.

O depoimento oral enquanto fonte histórica acrescenta às fontes tradicionais, versões diferenciadas acerca de um determinado acontecimento. É como afirma Michel de Certeau em *A Escrita da História* (2007), o lugar social de onde o indivíduo fala tem muito a revelar ao historiador. A cada depoimento arraigado, detalhes do convívio rotineiro dentro e fora da instituição musical e as influências que exercem sobre cada aluno, que acabam por reverberar no cotidiano de cada um individualmente.

Em meados do século XX, a prática historiográfica passou a analisar de uma nova forma as fontes históricas. A partir dos *Annales* uma ampla gama de temáticas acerca da vida social tornou-se objeto de estudo do historiador. Este trabalho apresenta uma nova abordagem, inserindo-se no campo da História Social e Cultural, contribuindo ainda para chamar a atenção para a relevância dessa Instituição como Patrimônio Cultural da cidade de Cachoeira.

A realização da pesquisa representa uma forma de incentivo para o investimento de recursos financeiros de autoridades municipais e estaduais, especificamente os órgãos de defesa e preservação do Patrimônio Imaterial e Material, a exemplo do Instituto do Patrimônio

¹⁹ NEVES, Lucilia de Almeida. *Memória, história e sujeito: substratos da identidade. História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*. São Paulo, v.3, n. 3. jun. 2000.

Artístico Nacional (IPHAN) e o IPAC, Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural, preservando assim o ensino e a prática musical, pois, muitas vezes a manutenção das aulas e da própria estrutura física da sede da filarmônica é custeada com recursos da própria Instituição.

É importante frisar que entendemos o conceito de Patrimônio Imaterial definido pela UNESCO como “as práticas, as representações, expressões, os objetos, conhecimento e técnicas, junto com os instrumentos, objetos, artefatos, e lugares culturais que lhes são associados que as comunidades, os grupos e, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural”²⁰. Este, abrange os saberes, as formas de expressão, costumes, as tradições, que no caso do presente trabalho consiste na forma de transmissão, dos saberes e do conhecimento musical e instrumental da filarmônica *Minerva Cachoeirana*.

Considerações finais:

De forma sucinta pode-se notar a relevância social e cultural da filarmônica *Minerva Cachoeirana* para a cidade de Cachoeira. Esta desenvolveu e atualmente ainda promove um trabalho de grande importância social e educacional, uma vez que mantém gratuitamente uma escola de música para os jovens da região, em sua grande maioria pertencentes às camadas menos abastadas da cidade. Constitui-se como um exemplo de tradição musical que preserva na sua estrutura elementos de um passado que vem ao longo do tempo sendo transmitido. A filarmônica participava de festas que mobilizavam a população devido à sua relevância cultural e histórica. Outro aspecto observado foi a presença de presidentes da Câmara Municipal e padres como sócios da Instituição. Enfim, a filarmônica *Minerva Cachoeirana* é um pouco da própria história da cidade de Cachoeira.

²⁰ IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Cachoeira: vivências e compreensões do patrimônio cultural. s.l. 2007.

Referências Bibliográficas

- CAJAZEIRA, Regina. *Educação continuada à distância para músicos da Filarmônica Minerva: gestão e Curso Batuta*. 2004. Tese (Doutorado em Música) – Escola de Música da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
- CARDOSO, Lucileide Costa. *Dimensões da memória na prática historiográfica*. In: OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos; REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. *História Regional e Local: discussões e práticas*. Salvador: Quarteto, 2010.
- CERTEAU, Michel de. *Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- FILHO, Walter Fraga. *Encruzilhadas da Liberdade: história de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Cachoeira: vivências e compreensões do patrimônio cultural*. s.l. 2007
- MILTON, Aristides. *Ephemerides Cachoeiranas*. Salvador Livraria Progresso, 1902.
- NASCIMENTO, Luiz Cláudio Dias do. *A Capela D’Ajuda já deu o sinal: relações de poder e religiosidade em Cachoeira*. Cachoeira: CEAO, 1995.
- NEVES, Erivaldo Fagundes. *História Regional e Local no Brasil: fontes e métodos da pesquisa histórica regional e local*. Feira de Santana/ Salvador, UEFS/ed. Arcádia, 2002.
- POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 1989.
- RAMOS, Jorge. *O semeador de orquestras: história de um maestro abolicionista*. Salvador: Solisluna Editora, 2011.
- SANTANA, Charles. *As Filarmônicas e a Música Urbana do Recôncavo* In: LEAL, M^a das Graças de Andrade; NONATO, Raimundo Pereira; CASTELUCCI JÚNIOR, Wellington (Orgs). *Capítulos de História da Bahia: Novos enfoques, novas abordagens*. São Paulo: Annablume, 2009, p. 267-285.
- SANTOS, Jadson Luiz dos. *Cachoeira-III Séculos de História e Tradição*. Salvador: Contraste Editora Gráfica, 2001.
- SANTOS FILHO, Juvino Alves. *Manuel Tranquillino Bastos: estudo de duas obras para clarineta*- Tese de Doutorado. Salvador: Programa de Pós- Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia, 2003.
- TINHORÃO, J. *Música popular: de índios, negros e mestiços*. Petrópolis: Vozes, 1972.